



LUGAR E TERRITORIALIDADES dos bolivianos em Corumbá-MS

Edgar Aparecido da Costa¹ & Ramona Trindade Ramos Dias²

INTRODUÇÃO

Os territórios fronteiriços evocam uma multiplicidade de movimentos e significados que caracterizam a identidade local. Este trabalho buscou observar, através da dinâmica do processo migratório dos bolivianos, como se deu a produção de suas territorialidades para se estabelecerem na cidade de Corumbá-MS. As territorialidades são carregadas de elementos da cultura do lugar mescladas com aqueles trazidos pelos migrantes e traduzidos em estratégias de ação.

Como procedimentos metodológicos foram feitas entrevistas com fontes diretas (migrantes) e indiretas (coordenador da Pastoral do Migrante e presidente do Centro Boliviano-Brasileiro), além de pesquisa bibliográfica para o embasamento da discussão referente ao processo migratório do povo boliviano para Corumbá. Este artigo é uma parte modificada de nossa dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no Campus do Pantanal, cuja pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética daquela Instituição de Ensino Superior.

¹ Edgar Aparecido da Costa é professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal.

² Ramona Trindade Ramos Dias, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal.

O trabalho de campo contemplou uma amostra da população de bolivianos residentes em Corumbá-MS, cuja localização foi indicada em estudo anterior realizado por Baeninger e Souchaud (2007). Após a identificação do primeiro migrante para entrevista foi utilizada a amostragem não probabilística do tipo “bola de neve”, ou seja, um entrevistado indicava o próximo e assim sucessivamente. Optamos por realizar 25 entrevistas com pessoas que vieram de diversas localidades da Bolívia e que já estavam estabelecidas na cidade de Corumbá-MS em, pelo menos, 20 anos. O período médio de residência local dos entrevistados correspondeu aproximadamente 40 anos. A esse grupo estamos chamando de “primeira migração” de povos bolivianos para a localidade, pelo tempo histórico, pelas motivações e especificidades do mesmo que o faz distinto dos grupos que vieram posteriormente. Procuramos indagar sobre o motivo de suas vindas, as dificuldades encontradas e a forma de relacionamento com os moradores locais.

Este artigo foi organizado em quatro eixos de discussão. Primeiramente se buscou o entendimento teórico sobre fronteira e migração, acenando para suas especificidades na produção do lugar pelos migrantes. Em seguida foi discutida a territorialidade dos bolivianos para a produção de suas moradias na cidade de Corumbá. Posteriormente, a culinária e a religião – dois elementos da cultura dos migrantes, analisando suas manifestações e influências no local. Por fim, se procurou apontar alguns elementos importantes no processo de territorialização desses migrantes em Corumbá.

226

MIGRAÇÃO E FRONTEIRA: a hibridização do lugar

O processo migratório, apesar de contraditório e complexo e das dificuldades que pode causar nos locais receptores, é um fator de enriquecimento cultural pelo fato de proporcionar possibilidades de formação de uma pluralidade de *savoir faire*. As contradições e a complexidade do fenômeno é fruto da dualidade de significados. Primeiro, pela presença do migrante que sugere a concorrência por empregos e, segundo pelas contribuições (trabalho, cultura) com o local para onde migram. É possível deduzir, a partir de Méndez (2008), que o processo migratório tem como fator principal o mercado de trabalho, em decorrência da globalização e da dificuldade de geração de empregos em muitos países e consequente desigualdade social. Essencialmente é possível distinguir

duas categorias de trabalhadores estrangeiros: o trabalhador migrante e o trabalhador fronteiro. Essas categorias são distintas pela forma como se relacionam no local. O primeiro deixa definitivamente o seu país e fixa residência na localidade onde trabalha, enquanto o segundo exerce suas atividades num determinado local e retorna diariamente para sua moradia, numa migração pendular internacional. Na cidade de Corumbá-MS, no Brasil, esses dois tipos estão presentes.

Dessa forma, a fronteira é um espaço privilegiado aos indivíduos e empresas que desenvolvem territorialidades para além do limite internacional. Cabe esclarecer, pois, a diferença entre limite e fronteira. Para Machado (1998, p.42), “[...] enquanto a fronteira pode ser um fator de integração, na medida em que for uma zona de interpenetração mútua e de constante manipulação de estruturas sociais, políticas e culturais distintas [...]” (nesse contexto implica a existência do ser humano no processo de interação); “[...] o limite é um fator de separação, pois separa unidades políticas soberanas e permanece como um obstáculo fixo, não importando a presença de certos fatores comuns, físico-geográficos ou culturais”.

Os olhares que se fazem para as fronteiras permitem vislumbrar uma multiplicidade conceitual. Numa perspectiva dialética, Carvalho, Guimarães e Bezerra (2008) apontam que a fronteira tanto é uma faixa de contato, como um limite de aproximação, pois ao mesmo tempo em que representa uma área de separação, se apresenta também como perspectiva de contato entre povos.

Já do ponto de vista de quem olha, Nogueira (2007, p.34) defende o olhar para a fronteira enquanto centro, cujas referências é que deve nortear as decisões políticas e administrativas e, principalmente, suscitar o questionamento de uma identidade fronteiriça que está interligada com as relações nela contidas, tanto em caráter nacional (interna) quanto binacional (com outro país). O autor aponta que:

A fronteira pode se constituir num espaço de identidade territorial a partir de basicamente duas formas: primeiro, quando o ‘ser da fronteira’ diz respeito a um contraponto às regiões centrais, sendo essencialmente nacional. Aqui a fronteira é um espaço de referência identitária exclusivamente nacional; e segundo, quando o ‘ser da fronteira’ diz respeito a uma interação de identidade binacional, em que os dois lados se reconhecem como fronteiriços e com tal identidade e forma de relacionamento frente aos respectivos estados nacionais. Ser da fronteira aqui significa uma superação dos limites formais do Estado Nacional, sendo a sociedade civil o principal agente da interação.

Pertencer a uma região de fronteira implica no reconhecimento das diferenças que coexistem se complementando e se contrapondo e, ao mesmo tempo, praticando interações e desenvolvendo novas realidades sócio-culturais muito específicas. A vivência de atores com origens e culturas distintas, são também reflexos da estrutura social e organização política de seus países (Nogueira, 2007).

Numa visão contemporânea de fronteira, Castrogiovanni e Gastal (2004, p.1-4) a definem como um “espaço de trocas e hibridismos culturais” que deve ser vista não como dois espaços distintos, mas como um “terceiro espaço”, onde a diversidade dá lugar a um enriquecimento cultural, social e econômico para a região. Perceber a fronteira como um elo de integração não pressupõe a inexistência de conflitos, tampouco a uniformização de culturas, mas reconhecer nessas diferenças as possibilidades de trocas e crescimento faz da fronteira um lugar especial. Esses autores apontam que o Brasil ocupa o terceiro lugar no mundo em extensão de suas fronteiras, sendo assim, as possibilidades da presença do migrante em terras brasileiras são também da mesma grandeza. Quando as pessoas cruzam as linhas divisórias, interagindo de ambos os “lados”, sendo esse movimento contínuo e intenso, passa-se a ter um lugar comum, de interesses e desejos compartilhados. O migrante que fixa sua residência em outras terras o faz impulsionado pela esperança de que nesse novo lugar encontrará a possibilidade de realização de seus sonhos e aspirações.

228

Nota-se, nessa fronteira (Brasil-Bolívia), que existe um intenso contato entre os fronteiriços, seja pela conveniência comercial ou pelas trocas no sentido lato da palavra. Logo, a proximidade dos bolivianos residentes em Corumbá dos compatriotas na Bolívia (cerca de 5 km para alguns) pode acenar positivamente para sua permanência e valorização emocional do local de moradia. Esse sentimento de “pertencer” a um determinado lugar é um processo gradativo e perpassa, primeiramente, pela premência de se conhecer o lugar e de se acostumar a esse novo contexto, para então promover sua socialização com o ambiente e reconhecer as possibilidades que o novo possui de corresponder as suas expectativas. Assim, são elaboradas as novas territorialidades desses migrantes.

O conceito de lugar, sob a ótica da geografia humanística, se traduz convenientemente pelas palavras de Martins (2005, p.113), quando afirma que “[...] o lugar, por sua essência humana, é o espaço vivido, no qual as pessoas constroem suas vidas e com o qual elas se identificam e ao qual associam a sua

história”. O lugar deve ser percebido como uma composição socioespacial, pois só se reconhece através da materialização de elementos inerentes ao cotidiano das pessoas. A interrelação e coexistência nos espaços habitados – casas, ruas, a vizinhança de uma forma geral, pessoas, empresas, locais etc. – desses elementos estão intimamente ligados à vida em todos os sentidos.

TERRITORIALIDADES na construção do lugar de moradia

A apropriação do território corumbaense pelos migrantes bolivianos ocorreu, aparentemente, de forma espontânea. Motivados pela expectativa de mudança nos padrões de vida que tinham em suas origens buscaram, nessa terra, os meios para alavancar seus objetivos. Assim, o trabalho foi o fator que determinou o início do processo migratório, na maioria dos casos. Chegando a Corumbá, inicialmente moraram em casas temporárias e, posteriormente, foram construindo suas moradias nos diversos bairros da cidade.

Instiga-nos, portanto saber: como os bolivianos entraram em Corumbá? Como se processaram suas territorialidades nessa trajetória, até tornar o espaço, ou pelo menos parte dele, em seu território? Nesse caso, a possibilidade de análise do território está sendo pensada na direção da proposta de Souza (1995), na qual essa categoria analítica ocorre em qualquer escala espacial e temporal, sendo, sobretudo, um constructo social.

Como se trata de uma área fronteira, com porosidade em vários pontos, seja a passagem legal ou clandestina, o acesso a Corumbá se torna facilitado. Pelas declarações obtidas nas entrevistas se notou que muitos migrantes entraram e se estabeleceram na cidade dessa maneira, sem visto de permanência por algum tempo, pois a declaração de nacionalidade os colocaria em situações não legalizadas oficialmente. Isso explicaria a aparente negação da nacionalidade pelos bolivianos, já que essa os tornaria vulneráveis perante a legislação local. Portanto, não seria o receio de preconceitos ou discriminações, mas a própria condição de permanência. Os bolivianos precisaram de imediata capacidade de adaptação num território desconhecido para desenvolver territorialidades que garantissem sua permanência, concomitante com sua sobrevivência e melhoria da qualidade de vida. A negação da nacionalidade foi apenas uma manifestação de sua territorialidade, já que na prática mantiveram muitos dos seus hábitos cotidianos e relações com a terra natal. Aos poucos se transformaram num ser

fronteiriço, mantendo alguns costumes de suas raízes, mas interagindo com os hábitos locais.

Esse é o caráter da territorialidade no processo de construção, desconstrução e reconstrução dos espaços, tornados territórios. Nas palavras de Costa (2009, p.63), as especificidades do território “[...] são produzidas historicamente pela capacidade e disponibilidade dos recursos e tecnologia, bem como de acesso a elas pelos diversos segmentos sociais”. A territorialidade pressupõe, dessa forma, um movimento descontínuo, uma vez que cada segmento ou sociedade terá distintas formas de se relacionar com o território, em função de contextos históricos, culturais, econômicos nos quais estão inseridos, ao mesmo tempo, que se constrói um novo panorama, ainda se vivencia comportamentos passados. Daí se dizer que a territorialidade é um movimento descontínuo, porque na medida em que as transformações ocorrem, podem ser observadas imutabilidades ou mudanças lentas. A territorialidade normalmente não acontece repentinamente, mas de uma forma dinâmica, processual. No caso dos bolivianos, a necessidade impôs uma extraordinária rapidez de adaptação a ponto de estabelecerem novas territorialidades no desconhecido em pouquíssimo tempo de moradia.

Neste aspecto, fica evidente o movimento T-D-R (territorialização – desterritorialização – reterritorialização). Por esse motivo, a presença de um elemento novo (um estrangeiro, por exemplo) vai provocando as transformações cotidianamente. O migrante boliviano em Corumbá foi se adaptando a uma nova realidade, assumindo novos costumes e se integrando em um novo contexto. Contudo, manteve suas raízes culturais e é essa característica que vai alimentando os processos de modificação do território, muito latente nas regiões fronteiriças, onde as diferenças podem ser percebidas com mais evidências.

A partir das falas dos migrantes bolivianos do grupo entrevistado foi possível notar que o lugar projetou forte significado em seus sentimentos. Não foram ouvidas declarações sobre a intenção de acumular riquezas e, posteriormente voltar ao seu país. Ao contrário, ficou marcante o desejo de modificar suas condições de sobrevivência, para formas mais dignas, como viver em um lugar que lhes propiciem a realização dos seus sonhos. Comparativamente, do seu local de origem para a cidade de Corumbá, eles saíram da condição de quase miséria para uma situação mais confortável de moradia, alimentação e acesso a serviços básicos de saneamento, saúde e educação.

Como foi possível a construção de um lugar num território (do ponto de vista da escala nacional) desconhecido? Acreditávamos, a princípio, que a concentração desses migrantes em alguns bairros fosse motivada por uma aproximação a fim de se produzir a lugarização dos bolivianos. Acreditava-se que pudesse ser uma forma dos bolivianos se agruparem numa alternativa de se manterem fortalecidos diante do novo. Ou, ainda que pudesse ser os territórios da exclusão, em conformidade com Haesbaert (2004).

Entretanto, a pesquisa de campo não confirmou essa condição, sendo que os possíveis “guetos” tiveram outra motivação. Embora se observe o adensamento de bolivianos em determinados bairros, a ocupação desses territórios ocorreu de forma espontânea, já que, de acordo com os relatos, a fixação das residências se deu por escolha individual, levando em conta a proximidade com o trabalho e, também, o preço dos lotes. A forma de relacionamento no espaço não contraria a realizada pelos demais moradores, uma vez que o cotidiano é o mesmo, sendo expresso nos deslocamentos para o trabalho durante a semana e descanso nos finais de semana.

Um dos exemplos dessa concentração de moradias de bolivianos na cidade de Corumbá ocorre nos arredores da extinta feira BRASBOL – um local construído para a exploração comercial de brasileiros e bolivianos, mas que tinha atuação majoritária de comerciantes bolivianos, a ponto de ser referida como “feira boliviana”. Vale salientar que essa localidade ficava estrategicamente localizada na via de acesso à Bolívia. Nos arredores da extinta feira foi identificada a presença de três agrupamentos (“vilas”) de casas. Nas entrevistas realizadas ficou claro que a escolha daquele local para moradia se deu em função da proximidade com o local de trabalho (a feira) e também de uma escola onde seus filhos estudam. Outra negação para essa hipótese foi encontrada na composição dos moradores dessas “vilas”. Um desses agrupamentos (Figura 1), por exemplo, era constituído por onze residências, sendo cinco de moradores bolivianos e seis de moradores brasileiros, sugerindo não ser a nacionalidade o motivo da escolha do lugar, mas a facilidade para a realização de suas atividades cotidianas.

De um modo geral se pode afirmar que o migrante boliviano convive amigavelmente com a população corumbaense. Se considerar que o novo pode ter diferentes graus de aceitação e resistência em qualquer situação, esse fato é especialmente verdadeiro quando se trata do migrante, quer para aquele que chega

ou para aquele que recebe. O migrante vai para um lugar e precisa criar novas redes de sociabilidade até que possa integrar-se de fato. Ao mesmo tempo, a população precisa conhecê-lo para que haja relacionamentos amistosos. De ambos os lados é preciso que as pessoas estejam desprovidas de ideias e pensamentos pré-concebidos. No que concerne especificamente ao migrante boliviano este tema carece de uma análise mais cuidadosa, para se verificar a ocorrência das escalas de aceitação e/ou resistência.



FIGURA 1. “Vila” localizada nas proximidades da extinta Feira BRASBOL, em Corumbá-MS.

Autor: DIAS, R.T.R., 2010

As entrevistas com os migrantes não deixaram perceber um sentimento de oposição à sua presença na cidade de Corumbá. Muitos apontaram expressões de que esta seria uma terra abençoada e de um povo bom e solidário. Quanto ao relacionamento com a vizinhança foram verbalizadas situações de boa convivência e de pessoas que se auxiliam mutuamente. Não se pode afirmar, com isso, a ausência de preconceitos de ambas as partes, mas uma razoável aceitabilidade deste novo elemento em Corumbá, que carrega em sua herança a presença de migrantes de diversas partes do mundo (portugueses, italianos, paraguaios, árabes, dentre outros).

O lugar se torna, aos poucos, cada vez mais híbrido, misturando costumes, povos, arranjos espaciais. Empiricamente, se tem a impressão que os bolivianos migrantes em Corumbá preferem se relacionar mais com os brasileiros aos seus conterrâneos. A dispersão de bolivianos que ora se vislumbra pelos bairros de Corumbá, confirmada na pesquisa de Baeninger e Souchaud (2007), indica que

proximidade territorial não é uma condição para o estabelecimento da moradia, tampouco para a produção do lugar.

RELIGIÃO E CULINÁRIA: transformações e permanências

Com relação aos costumes referentes à alimentação e a religião, verificou-se uma intensa modificação no primeiro e forte resistência no segundo. Grande parte dos entrevistados se declarou católica, antes e após a migração, sendo comum observar a exposição de imagens sacras nos diferentes espaços da casa (sala, quarto, cozinha), dispostos em móvel específico ou em quadros afixados nas paredes. Em alguns casos, foram observadas a existência de uma “capelinha” com imagem da Virgem de Urukupiña ou de outra santa (numa das casas havia um oratório com a imagem de Nossa Senhora Aparecida), guardando as heranças religiosas trazidas da Bolívia.

A religião aparece para os bolivianos entrevistados, tanto como um dado espiritual como uma opção de lazer. A maioria dos entrevistados veio de locais com poucas alternativas de lazer, em áreas rurais. Contudo, suas escolhas pouco modificaram, pois Corumbá não oferece muitas variantes: música e dança, seguidos de igreja e do futebol.

Além disso, existe nas tradições bolivianas uma mistura entre religião, música e dança. Dentre essas, se destacam as festividades em homenagem às Virgens de Cotoca, Copacabana e Urukupiña. A festa em comemoração à Virgem de Urukupiña, em 26 de agosto, é a celebração que se manteve mais fortemente em seus hábitos culturais na mudança de local de residência de um país para o outro. Nesse evento, os grupos tradicionais da Bolívia se deslocam para a cidade de Corumbá, para apresentações em desfiles e celebrações religiosas, como missas (que são realizadas em igrejas locais) e desfiles. A participação em novenas e festas também foi relatada como uma prática comum e são realizadas durante os nove dias que antecedem a essa data comemorativa.

Existem muitos locais de festa, sempre nas proximidades de aglomerações de moradores bolivianos. Numa delas, dentre as mais tradicionais, a festa se inicia com a celebração de uma missa em uma das igrejas locais e, posteriormente a imagem da santa é transportada em altar permanente localizado onde era Feira BRASBOL. As atividades comemorativas acontecem durante o dia, com eventos

recreativos, danças e músicas típicas, bem como o consumo de bebidas e comidas, que, de acordo com os entrevistados são oferecidos gratuitamente por patrocinadores da festa. Um misto de sagrado e de profano!

Ocorrem, ainda, procissões que são acompanhadas por grupos de dançarinos tradicionais da Bolívia, como *Los Caporales*, *Pujllay* e *Morenada* (Figura 2), que seguem tocando seus instrumentos juntamente com a apresentação de músicas e danças. São devidamente paramentados com suas vestimentas tradicionais que leva em consideração suas raízes históricas. Essa manifestação de fé e cultura se reveste de muita cor e alegria, diferentemente das procissões religiosas da cultura local do município de Corumbá, onde predominam orações e cânticos religiosos em marcha lenta. A fé católica se mostrou preponderantemente em suas crenças religiosas, demonstrando em suas festividades fortes traços do povo indígena e influência dos jesuítas, como sugere a mistura de representações folclóricas e seus significados e as celebrações de missas e novenas, por exemplo.



FIGURA 2: Grupo as Morenadas em apresentação nas ruas de Corumbá.

Autor: DIAS, R.T.R., 2010.

As músicas e danças típicas mais mencionadas foram *taquirari*, *chavena*, *diablada*, *cumbia*, entre outras. Vale destacar que é marcante a influência dos povos indígenas preservadas em suas tradições. As danças se revestem de significados, representados nos ritmos e nas coreografias que lembram suas celebrações religiosas de culto aos deuses da natureza, com diversas

denominações. As vestes também denotam a influência espanhola absorvida em seus costumes. Nessas ocasiões se pode notar a alegria de seus ritmos e cores.

Em relação à alimentação, existe uma grande variedade (Figura 3), apesar de poucos terem sido assimilados pelos corumbaenses. Os pratos mais citados, além da unanimidade da sopa, foram: o picante de frango, que também é um prato com caldo; o *marradito*, uma espécie de risoto ou arroz de carreteiro, mas de consistência com pouco caldo; e os “alimentos da roça” como legumes, verduras, milho, batatas e animais de pequeno porte como galinha, porco, cabrito. Além disso, foram mencionados como bebidas típicas: *chicha* (a base de milho ou amendoim, pode conter álcool ou ser consumido sob a forma de suco), *mocochinche* (suco de pêssego desidratado e cozido) e a *paceña* (cerveja tipicamente boliviana e muito conhecida nesta fronteira).



Frango picante



Chicha



Mocochinche



Arroz boliviano



Saltenhas



Sopa de mani (amendoim)

FIGURA 3. Alguns alimentos típicos da culinária boliviana³.

Autor: DIAS, R.T.R., 2010

³ Saltenhas (1), chicha (2), sopa de mani (amendoim) (3), mocochinche (4), frango picante (5) e arroz boliviano (6).

A esses hábitos alimentares foram incorporados outros da culinária brasileira, sendo que o feijão parece ter sido o prato que passou a ser mais utilizado no consumo alimentar dos migrantes bolivianos. Também passaram a fazer uso com mais frequência do arroz, de massas e de assados. A principal diferença entre a alimentação de brasileiros e bolivianos diz respeito à maneira de preparo dos alimentos: na Bolívia são consumidos, principalmente, sob a forma de cozidos; enquanto no Brasil se prefere os guisados e alimentos sem caldos, conforme observação dos migrantes entrevistados.

A cidade de Corumbá incorporou alguns dos hábitos e costumes desses migrantes com destaque para: a saltenha, um salgado com recheio de frango e batatas, e; o arroz boliviano, uma espécie de risoto onde são integrados ao arroz ingredientes como o milho, ervilha, batata, banana frita e molho de frango ou carne moída.

Pelas entrevistas se pode constatar que após longos anos distante de sua terra natal os migrantes foram diminuindo o envolvimento com sua tradição nativa, absorvendo muito mais os costumes locais do que as de suas raízes culturais. Um exemplo disso é o trato com o idioma que pela observação deles se mostrou contraditório. Muitos falaram da importância do idioma como um elo com seu país e da necessidade de transmissão para os filhos, mas contraditoriamente se esforçam para se comunicar em português. Os filhos nascidos no Brasil falam cotidianamente a língua portuguesa e na maioria das vezes, apenas compreendem e não falam o idioma de seus pais.

Uma hipótese provável – mas que carece de estudos mais aprofundados – é a de que esses migrantes, por terem vindo muito jovens para o Brasil e pela necessidade de comunicação para aceitação na nova terra, teriam se empenhado em absorver os costumes locais, abrindo mão de suas tradições. Outra possibilidade poderia ser o fato que um número significativo desses migrantes serem indocumentados⁴, o que também explicaria algumas vezes não se declararem bolivianos, considerando que poderia ser um fator de complicações

⁴ Termo utilizado pelo Coordenador da Pastoral do Migrante para indicar os indivíduos que se estabeleceram na cidade sem visto legal. Possuíam os documentos de seu país de origem, mas viviam de forma clandestina em Corumbá-MS.

civis. Portanto, territorialidades construídas para permanência e sobrevivência em Corumbá.

A TERRITORIALIZAÇÃO dos bolivianos em Corumbá

Em relação às organizações político-sociais dos bolivianos em Corumbá, se destaca o Centro Boliviano-Brasileiro, o Consulado Boliviano e a Pastoral do Migrante. De acordo com o presidente do Centro Boliviano-Brasileiro⁵, a Prefeitura de Corumbá e o Consulado Boliviano, com apoio de diversas entidades realizou uma ação social que garantiu a emissão de registro de nascimento para filhos de migrantes bolivianos nascidos no Brasil. Esse direito é garantido por Lei, sendo gratuito para crianças de até doze anos. Essa atividade foi realizada durante o último domingo de fevereiro de 2010 na sede do Centro Boliviano-Brasileiro, contando com a participação da Defensoria do Povo - Bolívia e de representantes de cartórios daquele país. O objetivo principal, de acordo com os pronunciamentos das autoridades envolvidas, foi estimular o reconhecimento da cidadania boliviana, além de garantir o exercício de seus direitos legais na Bolívia. Em outras palavras, se concedeu legalmente a dupla nacionalidade e se reconheceu amplitude territorial das territorialidades praticadas pelos bolivianos nascidos em Corumbá. Os *doble chapas* (pessoas com dupla nacionalidade) foram oficialmente reconhecidos.

237

O então presidente do Centro Boliviano-Brasileiro (CBB) se referiu a uma proposição dessa instituição para a efetiva integração do povo boliviano à comunidade corumbaense e, ao mesmo tempo para o resgate de suas tradições. Nesse sentido, o estatuto da instituição vem sendo reformulado de forma participativa e o centro vem programando atividades, como: criação e manutenção de um grupo de dança; conjunto musical que executa canções bolivianas e latinas; inclusão das festas em comemoração a Virgem de Urukupiña e das três bandeiras no calendário cultural de Corumbá, realizadas em 8 de dezembro, que são comemorativas das virgens Cotoca, Caacupê e Conceição (Bolívia, Paraguai e Brasil); utilização do espaço da sede do CBB para eventos educacionais, sociais e culturais; estímulo ao turismo na Bolívia; campanhas de solidariedade com

⁵ Entrevista realizada em 03 de fevereiro de 2010.

finalidade social e da saúde para fronteira Brasil-Bolívia (*Projeto El Faro*), entre outras possibilidades.

A Coordenação da Pastoral do Migrante desempenha importante papel no apoio aos bolivianos, principalmente em termos espiritual, psicológico, mas também para orientar e acompanhar os procedimentos da regulamentação de estabelecimento na cidade e, em algumas situações, promovendo pequenos auxílios financeiros. Às vezes esses auxílios são concedidos em forma de passagens, nos casos de migrantes que resolvem retornar ao seu país e que não tenham condições de tal ensejo. Na Bolívia, existe uma organização (ONG) de apoio psicológico aos migrantes que retornam às suas casas, com problemas de desagregação familiar, decorrentes do afastamento de pais e filhos, ou mesmo de casais que migram separadamente e encontram outros parceiros. Além disso, essa instituição promove e participa de pesquisas e debates com a comunidade e governo local sobre questões da migração, em especial Brasil-Bolívia, para a busca de soluções dos problemas comuns.

Todas essas instituições são importantes no processo de territorialização dos bolivianos em Corumbá. Contudo, o desprendimento pessoal e a elevada capacidade de adaptação no desconhecido formaram os ingredientes fundamentais nas territorialidades construídas para permanência em Corumbá. Nesse processo, se tornaram cidadãos fronteiriços, essencialmente híbridos. Portanto, os costumes, práticas trazidas dos locais de origem foram mescladas aos hábitos encontrados na nova terra, produzindo um indivíduo imaterialmente complexo. Talvez, as motivações de integração com a população local, pelos motivos já elencados, tenham colocado em risco tradições seculares herdadas de sua origem, daí a importância das ações das entidades sociais representativas desses grupos em Corumbá.

O que se percebeu foi um grande empenho do migrante boliviano para facilitar a sua aceitação nesse território, afirmando que aprenderam muito com a vinda para Corumbá e que sempre procuraram “fazer tudo certinho”. Ao mesmo tempo relataram com quase unanimidade a recepção e colaboração dos corumbaenses na vida cotidiana. Ao conseguirem emprego, moradia própria e manifestarem abertamente elementos de sua cultura, os migrantes bolivianos completam sua territorialização em Corumbá-MS.

CONSIDERAÇÕES finais

A presença de um novo elemento no relacionamento humano sempre ocorre impregnada de significados, muitas vezes conflitantes, de sentimentos, expectativas e medos. Estes sentimentos ficam muito mais latentes nos territórios de fronteira e, em especial nas fronteiras abertas, onde a convivência diária coloca em confronto a capacidade de adaptação e transformação de cada ser humano. O migrante, como o povo boliviano vindo ao Brasil, chega com esperança de encontrar trabalho digno que melhore sua qualidade de vida. Ao mesmo tempo, se mostra receoso com as possibilidades do que vai encontrar, já que está se colocando num novo território, onde tudo lhe é diferente, onde tudo deverá ser conquistado, tanto nas relações de trabalho, como nas relações sociais e culturais. Ao mesmo tempo, o habitante local também se depara com um sentimento de dualidade, pois ao mesmo tempo em que acolhe, sente receio do diferente, que pode sugerir a possibilidade de disputas, pelo trabalho, por exemplo. Entretanto, é importante reconhecer que as diferenças que o migrante trás consigo, as formas de viver e a riqueza de suas experiências contribuem para um hibridismo cultural, uma nova perspectiva daquilo que se pode viver – transformações no cotidiano da sociedade.

Com relação aos hábitos e costumes, se pode perceber que apesar dessa fronteira ser porosa, do ponto de vista do trânsito das pessoas de um lado para o outro, a barreira cultural, de certa forma, ainda persiste. A condição de convivência tão próxima, verificada no cotidiano e manifestada nos migrantes bolivianos deveria ter possibilitado uma maior incorporação de suas práticas tradicionais em Corumbá. Na verdade os migrantes bolivianos incorporaram muito mais os costumes dos brasileiros que esses daqueles. Nem mesmo a culinária foi incluída aos hábitos locais, com poucas exceções, como a saltenha. Essas condições estiveram muito ligadas às necessidades de adaptação ao novo local de moradia pelas quais passaram esses migrantes. Assim, foi necessária a construção de territorialidades que garantissem sua presença sem deixar muitos indícios da mesma. A estratégia adotada foi mascarar, ao máximo, sua estadia no Brasil, ao menos até se sentirem seguros.

Com o tempo, passaram a participar abertamente das festas tradicionais bolivianas e a estabelecer contatos com os vizinhos conterrâneos de Puerto

Quijarro, que começou a ter um número razoável de moradores a partir de 1980. Essa prática permitiu ao migrante boliviano o cultivo de suas raízes ao mesmo tempo em que se integrava nas atividades e nos hábitos da nova localidade. Suas atitudes foram influenciadas tanto pelos hábitos originais quanto pelos locais, transformando a sua maneira de viver, de organizar o espaço de suas moradias e seu relacionamento com a sociedade. Esse migrante se tornou um fronteiro híbrido desenvolvendo territorialidades igualmente híbridas.

Finalmente, cabe salientar a necessidade de novos estudos a fim de se analisar o comportamento migratório que envolveu e envolve as novas gerações de migrantes, num contexto social e econômico diferenciado dos primórdios, especialmente em relação a discriminações e preconceitos, pouco ou quase nada evidenciados neste grupo de entrevistados.

Agradecimentos

Agradecemos ao apoio financeiro da FUNDECT- Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul.

240

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAENINGER, Rosana; SOUCHAUD, Silvain. Vínculos entre a migração internacional e a migração interna: o caso dos bolivianos no Brasil. *Anais... Taller Nacional sobre "Migración interna y desarrollo en Brasil: diagnóstico, perspectivas y políticas"*. Brasília: CELADE, 2007.

CARVALHO, Vanilde Alves de; GUIMARÃES, Reinaldo Vaz; BEZERRA, Fabiana de Souza. A dinâmica entre as fronteiras: Brasil Bolívia: a relação entre as regiões Pantaneiras e Chiquitanas. *Anais... XI Encuentro de Geógrafos de América Latina*. Bogotá, 2007, p. 26-30.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GASTAL, Susana. Fronteiras e turismo: tensionando conceitos. *Anais... IV SEMINTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL; III Seminário de Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo*. Caxias do Sul – 7 e 8 de julho de 2006, p. 1-15.

COSTA, Edgar Aparecido da. Ordenamento territorial em áreas de fronteira. In. *Seminário de estudos fronteiriços*. COSTA, E.A.; OLIVEIRA, M.A.M. (Org.). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009, p 61-79.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras e redes. In. STROHAECKER, T.M. et al (orgs.). *Fronteiras e espaço global*. Porto Alegre: AGB-Porto Alegre, 1998, p.41-49.

MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira. Desenvolvimento local e turismo: por uma ética de compromisso e responsabilidade com o lugar e com a vida. *Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. Campo Grande, v. 6, N. 10, Mar. 2005.

MÉNDEZ, R. Inmigración y mercados de trabajo urbanos: tendencias recientes en la región metropolitana de Madrid. *Scripta Nova*. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de enero de 2008, v. XII, n. 257 <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-257.htm>>.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteira: espaço de referência identitária? Goiânia: UFG, *Revista Ateliê Geográfico*, v. 1, n. 2, p.27-41, 2007.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.E. et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77-116.

